

ALCOOLISMO: Uma Revisão da Literatura Interdisciplinar Publicada no Brasil

Rubem Almeida Mariano¹ e Helen Messias da Silva Guzmán

Faculdades Integradas de Maringá
Centro de Ensino Superior de Maringá

Robson Borges Maia²; Marta Urgnani; Maria Luiza Dutra; Waléria Henrique dos Santos Leonel; Olavo Rodrigues de Araújo Junior

Curso de Psicologia
Faculdades Integradas de Maringá
Centro de Ensino Superior de Maringá

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de fazer uma revisão da literatura interdisciplinar sobre o alcoolismo publicada, no Brasil, nos últimos dez anos. O alcoolismo é um fenômeno complexo que tem atingido significativamente a sociedade. Suas conseqüências apontam para as questões clínicas, psicológicas, psiquiátricas e sociais. Estima-se que cerca de 10 a 15% dos que bebem estão em algum estágio de dependência. Na atualidade, não há um consenso referente às causas. Têm-se apresentado teorias que partem de hipóteses e também algumas concepções que procuram identificar as possíveis causas do alcoolismo. As principais teorias são da psiquiatria organicista, da psicologia psicodinâmica e da psicologia sociocultural. Destaca-se, neste trabalho, entre as concepções apresentadas, a cosmovisão religiosa de uma comunidade pentecostal pobre a partir de um trabalho sociológico. Apresentam-se ainda as principais terapias realizadas e dá-se enfoque às atitudes terapêuticas de uma comunidade religiosa. Conclui-se que o alcoolismo ainda se apresenta como um fenômeno complexo e que merece estudo atencioso das áreas de conhecimentos implicados com a finalidade de suscitarem compreensões que possam contribuir para se desvendarem os enigmas desse fenômeno.

Descritores: Alcoolismo, psicologia, interdisciplinaridade, religião.

ALCOHOLISM: A Review of the Interdisciplinary Literature Published in Brazil

ABSTRACT: The objective of this article is to review the interdisciplinary literature on alcoholism published in Brazil in the last ten years. Alcoholism is a complex phenomenon, which has significantly affected society. Its consequences point to clinical, psychological, psychiatric and social questions. It is estimated that around 10 to 15% of people who drink are in some stage of dependency. Currently there is not a consensus concerning the causes. It has been presented theories based on hypotheses and also some conceptions, which try to identify the causes of alcoholism. The main theories come from the organizational psychiatry, psychodynamic psychology and social-cultural psychology. Among the conceptions presented, it is highlighted in this work the religious cosmovision of a poor Pentecostal community on a sociological work. It is also presented the main therapies undertaken, and it is also highlighted the therapeutical attitudes of a religious community. It is concluded that alcoholism is still a complex phenomenon and that it deserves a careful study of the knowledge areas involved with the aim of bringing about understanding which may contribute to unlock the enigma of this phenomenon.

Index Terms: Alcoholism, psychology, interdisciplinarity, and religion.

¹ Docentes do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Maringá-Faimar do Centro de Ensino Superior de Maringá-Cesumar

² Discentes do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Maringá-Faimar do Centro de Ensino Superior de Maringá-Cesumar, vinculados ao Programa de Iniciação Científica do Cesumar- PICC, turma de 1999.

Introdução

Este artigo é uma produção que atende às exigências do Grupo de Estudo denominado *Alcoolismo, Saúde e Sociedade* vinculado ao Programa de Iniciação Científica – PIC do Curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Maringá Faimar do Centro de Ensino Superior de Maringá-Cesumar. Este grupo tem o objetivo de estudar o fenômeno do alcoolismo nas áreas da Saúde e da Sociedade sob o enfoque, em especial, da Psicologia e da Sociologia.

O Grupo de Estudo *Alcoolismo, Saúde e Sociedade* tem, como meta de trabalho, quatro módulos: Módulo Primeiro (revisão bibliográfica interdisciplinar sobre o tema); Módulo Segundo (revisão do tema no campo da bibliografia psicológica); Módulo Terceiro (pesquisa de campo sobre como o psicólogo de Maringá compreende alcoolismo e trata do alcoolista) e Módulo quatro (pesquisa de campo sobre como a sociedade compreende e combate o alcoolismo).

Portanto, o presente artigo, a partir da perspectiva do primeiro módulo, tem o objetivo de fazer uma revisão da literatura interdisciplinar sobre o alcoolismo publicada no Brasil, nos últimos dez anos. Para tanto, foram utilizadas algumas das literaturas publicadas e disponíveis. Procurou-se observar as mais diversas tendências da literatura publicada, ou seja, observaram-se às áreas da Psicologia, Sociologia, Psiquiatria, Medicina, numa perspectiva interdisciplinar. Este artigo traz algumas contribuições da Sociologia da Religião sobre a concepção e o combate ao alcoolismo por igrejas pentecostais pobres. Essas pesquisas foram realizadas pela socióloga Cecília Loreto Mariz, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para este trabalho, alcoolismo deve ser compreendido, num primeiro momento, como o uso abusivo do álcool, ocasionando problemas para o bebedor, seus familiares e o meio em que vive. Contudo, é bom que se diga que o trato do tema é complexo, uma vez que há dificuldades em precisar os limites entre um bebedor normal e um dependente. Tem sido utilizada a seguinte classificação: alcoolismo agudo e alcoolismo crônico. Para a primeira, o ponto crítico está nas conseqüências sociais. O beber excessivo leva a acidentes de trânsito ou embriaguez ocasional gerando mal-estar e vômito. A segunda classificação entende a utilização do álcool de maneira abusiva, gerando dependência e conseqüências de ordem clínica, psiquiátrica, psicológica e social.

Este trabalho foi realizado de maneira comunitária entre os participantes do projeto. Coube a orientação ao professor Rubem Almeida Mariano e à professora Helen Messias da Silva Guzmán. A estrutura do artigo e de seus respectivos autores ficou assim definida: primeiro capítulo denominado *O problema do alcoolismo e suas conseqüências*, autoras: Maria Luiza Dutra e Marta Ugrnani; segundo

capítulo-A *polêmica em torno das causas e dos tratamentos do alcoolismo: o estado atual da questão*, dos autores Robson Borges Maia, Olavo Rodrigues de Araújo Júnior e Rubem Almeida Mariano e o terceiro e último capítulo. *As principais teorias e concepções sobre o alcoolismo*, dos autores Waléria Henrique dos Santos Leonel, Helen Messias da Silva Guzmán e Rubem Almeida Mariano.

Por fim, não poderíamos deixar de registrar, em meio ao labor acadêmico, o nascimento da filha da professora Helen Messias da Silva Guzmán de nome Linda, que trouxe certamente muita alegria para toda a sua família. Nós do Programa de Iniciação Científica *Alcoolismo, Saúde e Sociedade* do Curso de Psicologia parabenizamos e desejamos felicidades ao casal e à pequena.

O Problema Do Alcoolismo E Suas Conseqüências

O alcoolismo é um problema de saúde pública nos âmbitos nacional e internacional. Os estudos revelam que o alcoolismo é um fenômeno complexo mesmo sendo uma droga conhecida da humanidade. Seus efeitos e conseqüências têm atingido o bebedor, a família e a sociedade em números significativos e ameaçadores.

Conseqüências clínicas

Os problemas clínicos, na avaliação inicial de pacientes em consultório, com diagnóstico de alcoolismo são: hepáticos, neurológicos, cardiovasculares, gastrintestinais, endocrinológicos, respiratórios, dermatológicos, geniturinários, neoplásicos. Além das alterações metabólicas e lesões orgânicas, hiperlactacidemia, elevação dos níveis de gorduras, inibição da síntese protéica, desestruturações no sistema de canais, deformação e disfunção mitocondrial, diminuição do *glutathion*, ativação acelerada de metabólicos tóxicos e hipoxemia severa.

Entre os problemas clínicos mais comuns que acometem o alcoolista, estão os do sistema digestivo, com os seguintes sintomas: azia, gases, vômitos, dor abdominal, diarreia, disfagia e hepatomegalia. No Sistema Cardiovascular, o excessivo consumo do álcool pode estar associado à insuficiência cardíaca, hipertensão, arritmias e morte súbita. E ainda, o álcool ingerido em excesso pode afetar o sistema imunológico, endócrino e o fetal. Por fim, VESPUCCI & VESPUCCI (1999) observam que:

Cada vez mais se acumulam dados a fundamentar a inclusão do alcoolismo entre as doenças primárias, isto é, aquelas que não derivam de outras moléstias, mas que têm causas próprias e independentes. A própria Organização Mundial da Saúde reconhece o alcoolismo como tal e o aponta, em seu

caráter destruidor multifacetado, como a segunda doença que mais mata em todo o planeta (p.33).

Um exemplo de problemas clínicos causados pelo álcool diz respeito às complicações que atingem o feto na gestação. Apesar da extrema dificuldade em realizar pesquisas médicas sobre o efeito do álcool no feto, está provado que o cérebro fetal não poderá ter um desenvolvimento normal e sofrerá alterações irreversíveis se a mãe fizer uso de bebidas alcoólicas durante a gravidez, independente da dose ingerida por ela. Os recém-nascidos portadores de síndrome fetal alcoolina apresentam tremores, irritabilidade, hipersensibilidade ao som, dificuldade de sucção e alimentação. São também frequentes a fraqueza muscular e problemas no desenvolvimento psicomotor durante a infância. Nos anos pré-escolares são hiperativos, distraídos e impulsivos. A debilidade mental é um dos aspectos mais acentuados da síndrome VIDA & SAÚDE (1997).

Conseqüências psiquiátricas e psicológicas

Os transtornos provocados pelo alcoolismo são responsáveis pela maioria das internações psiquiátricas não só no Brasil como nos EUA. O álcool pode causar alterações devido ao uso agudo e crônico da bebida. As descrições dos quadros agudos: Intoxicação, abstinência, alucinose alcoólica e dos quadros crônicos: delírio patológico de ciúmes, encefalopatia alcoólica, distúrbio amnésico alcoólico e demência associada ao alcoolismo.

A intoxicação alcoólica acontece quando a quantidade ingerida é maior que aquela que a enzima específica pode quebrar, alterando assim o comportamento, as funções cognitivas e motoras. Clinicamente, a intoxicação é caracterizada por comportamento mal-adaptativo após a ingestão de álcool. Os sinais são ataxia, nistagmo, fala pastosa ou indistinta, rubor facial, irritabilidade, atenção prejudicada e amnésia.

A síndrome de abstinência alcoólica, geralmente vem acompanhada de sinais e sintomas neurológicos agudos. É considerada, muitas vezes, como o principal indicador da existência da dependência do álcool. O quadro alucinatório ou auditivo, similar ao que ocorre nos casos de *delirium tremens*, pode ocorrer dentro de 48 horas após a cessação ou diminuição da ingestão de álcool. Porém não há alteração do nível de consciência, sendo esta uma das principais características da alucinose alcoólica.

Sob o ponto de vista da evolução do distúrbio, o quadro do ciúme patológico poderia ser precipitado, nos casos dos alcoolistas, pelo aparecimento de impotência causada pelo consumo crônico do álcool. O paciente passaria a se sentir inseguro por não conseguir manter relações sexuais satisfatórias com sua companheira.

Alterações de memória (encefalopatia alcoólica)

podem estar presentes e acompanhadas de outras complicações como sinais cerebelares, cirrose e neuropatia periférica. O déficit da memória, também conhecido como síndrome de Kosakoff se caracteriza também pela confusão mental.

A síndrome amnésica é o comprometimento crônico da memória recente (prejuízo de aprendizagem de material novo). O paciente apresenta-se confuso, sem saber onde estava; mostra incoordenação motora. Quando o comprometimento é grave, o paciente torna-se indiferente ao ambiente à sua volta e requer cuidado permanente. Cerca de 50% a 60% dos alcoolistas que procuram atendimento psiquiátrico apresentam resultados em testes cognitivos piores do que o esperado. A característica essencial desse quadro, segundo o DSM-111-R, é uma demência que persiste por um mínimo de três semanas após a cessação do uso prolongado de álcool. Sintomas depressivos são comuns entre alcoolistas e alterações bioquímicas podem contribuir no aparecimento de humor depressivo.

O abuso do álcool pode estar mascarando sintomas de um distúrbio depressivo, uma associação comum entre as mulheres. E ainda, diminui a autocrítica tornando mais fácil a expressão de sentimentos de tristeza ou até liberando impulsos autodestrutivos, como é o caso do suicídio.

Conseqüências sociais

As conseqüências sociais do alcoolismo apontam a família, o trabalho e o meio como sendo os mais atingidos. NÓBREGA (1996) pondera que *para uma parcela de aproximadamente 10% dessa população o seu consumo acarreta graves complicações tais como patologias, crimes, acidentes, suicídios, destruição familiar e pessoal*. E ainda VESPUCCI & VESPUCCI (1999) observam de maneira geral, as conseqüências sociais do alcoolismo:

Em números brasileiros, a doença é geradora de 40% dos acidentes de trabalho; reduz 40% da produtividade empresarial e das atividades laboriosas em geral; provoca enorme índice de absenteísmo, expresso no fato de que a ela se deve quase metade das consultas clínicas; é causa freqüente de invalidez precoce e de 45% das internações clinicopsiquiátricas. Mais: o índice de suicídio entre alcoólatras é 57% maior do que na população em geral; e, dos acidentes de trânsito, 75% têm relação direta com a embriaguez (p. 34).

MARIANO (1999) observa também que cerca de US\$ 3,3 bilhões são tirados anualmente dos cofres públicos e privados para cobrir os prejuízos causados pelo consumo excessivo do álcool e estima-se que os custos diretos e indiretos do consumo de álcool equivalem a 5,4% do PIB do País, enquanto que a produção e comercialização (e

tributação) de bebidas alcoólicas contribuem apenas com 2,4% do mesmo PIB. Vale dizer que o alcoolismo desperdiça recursos equivalentes ao orçamento inteiro da Previdência Social e maiores do que o valor total das importações brasileiras.

Segundo CHOINACKI (2000), o governo gastou, ano passado, 57,1 milhões em 584 internações decorrentes de transtornos mentais e comportamentais devido ao uso abusivo de álcool.

A Polêmica Em Torno Das Causas E Dos Tratamentos Sobre O Alcoolismo: O Estado Atual Da Questão

Longe de ter a pretensão de esgotar o assunto, este capítulo revela as diversas e destoantes concepções sobre o alcoolismo, a partir das quais podemos afirmar que se trata de um fenômeno complexo, que envolve o indivíduo, a família e a sociedade, e cujas dimensões trágicas ainda se encontram subdimensionadas.

A bebida alcoólica sempre esteve incorporada ao cotidiano da maioria dos povos e, culturalmente, é associada à alegria e festas. Com essa atitude, a sociedade permite e estimula o consumo de bebida alcoólica, sendo que para a maioria da população esse consumo não gera transtornos. O tema continua cercado de tabus, preconceitos e desinformação, a ponto de, ainda hoje, prevalecer a concepção popular e moralista em que o alcoolista é tido como um ser humano com *fraqueza de caráter, sem vergonha, viciado*, dentre outras denominações que apenas comprovam a ignorância específica sobre o alcoolismo.

A perpetuar esse quadro, por exemplo, nas faculdades de medicina os alunos estudam apenas os sintomas do alcoolismo, sem se deterem à doença e se aprofundarem na complexa natureza dela, e a escassez de pesquisas e obras didáticas específicas sobre o alcoolismo revelam apenas como corolário desse desinteresse acadêmico. Nessa perspectiva, EDWARDS, MARSHALL & COOK (1999) observam que seria útil em termos de educação para a saúde se o público em geral estivesse ciente de que o álcool tem um potencial de dependência. O público precisa conhecer melhor os perigos e os sinais de perigo, o que a dependência pode significar para ele ou para alguém de sua família, para alguém no trabalho ou alguém que se encontra no bar. Contudo, independente da falta de informação sobre o alcoolismo e da dificuldade de se detectar com precisão o que leva alguém a se tornar alcoolista, o uso do álcool continua atingindo um número expressivo da população brasileira.

As pesquisas especializadas, na atualidade, têm contribuído para o entendimento do fenômeno do alcoolismo. Em face disso, tem-se dado lugar a três teorias principais: a orgânico-hereditária, os problemas psicológicos (personalidade) e o sociocultural (influência do meio, cultura). Contudo, observa-se que há uma grande complexidade em se

detectarem e especificarem as reais causas que levam uma pessoa a se tornar um alcoolista. O que se tem, na literatura, portanto, são hipóteses que embasam as possíveis causas geradoras do alcoolismo. (MARIANO, 1999).

Segundo MARIANO (1999) há uma tendência nos estudos especializados em defender uma visão de interação das múltiplas hipóteses, com o objetivo de se buscarem todos os ângulos para uma melhor contribuição na compreensão das possíveis causas que levam uma pessoa a se tornar alcoolista. Há, ainda, trabalhos na área da sociologia da religião, com o propósito de se estudar a recuperação de alcoolistas nas igrejas pentecostais pobres. Os entrevistados revelam sua concepção afirmando que o alcoolismo se dá devido aos problemas morais de origem espiritual (MARIZ, 1994).

Portanto, observa-se uma tendência para se compreender o fenômeno de forma mais abrangente, em que até mesmo as mudanças verificadas nos níveis e padrões de consumo do álcool devem ser consideradas, uma vez que não são imutáveis, e assim podem influenciar as pesquisas científicas e as políticas sociais.

No que se refere às terapias na atualidade, MARIANO (1999) faz um levantamento das concepções utilizadas identificando: **a)** psicoterapia. Essa concepção está dividida em tratamento grupal homogêneo ou heterogêneo e individual. O objetivo da psicoterapia é possibilitar ao alcoolista condições de enfrentar e saber tratar suas próprias dificuldades e emoções. **b)** internação em hospitais especializados. Essa é a concepção mais tradicional, pois vê o hospital como lugar de cura e reestabelecimento. Contudo a internação hospitalar tem sentido apenas quando possibilita a recomposição diante de um quadro de intoxicação crônica e **c)** a utilização de drogas *antiálcool*. Essa concepção compreende a utilização de medicamentos possibilitando a paralisação do consumo de álcool, pois se acredita que o problema seja químico-orgânico.

Observa-se ainda que há procedimentos terapêuticos, na atualidade, que têm o enfoque religioso. Clínicas ou centros de recuperações dirigidos por igrejas institucionais, como católica e protestante. Um bom exemplo são os grupos de auto-ajuda. Eles utilizam princípios religiosos da fé cristã à luz de fundamentos biopsicossociais. MARIZ (1994) em um trabalho sobre o discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo, observou-se que a igreja de *crente* é um instrumento eficiente e que oferece apoio aos familiares através de orações e testemunhos evidenciando a existência de um poder divino, Deus, que liberta o alcoolista dos espíritos maléficos que o aprisionam à bebida.

Feita essa análise do estado atual da questão, cumpre-nos apresentar as principais teorias e algumas concepções sobre o alcoolismo, identificando as suas características definidoras e as respectivas formas de tratamento.

As principais teorias e concepções do alcoolismo

Ao se fazer o levantamento da bibliografia atualizada sobre o alcoolismo, nota-se que há pelo menos três principais teorias e algumas concepções que prevalecem. A seguir serão observadas essas três teorias e algumas concepções elaboradas mais recentemente que procuram dar conta de entender quais as possíveis causas ou identificar e caracterizar o que é o alcoolismo.

Teoria da psiquiatria organicista

A psiquiatria organicista sustenta a seguinte hipótese: para que o alcoolismo se desenvolva é necessária uma predisposição biológica. Para esta teoria, o alcoolista é acometido por uma doença de características biológicas que tornaria seu organismo incompatível com o álcool. Conforme MARIANO (1998),

essa é uma teoria psiquiátrica. Ela diz que há uma predisposição genética e bioquímica de incompatibilidade com o álcool que gera a perda do controle, independentemente do volume de álcool bebido. O alcoolista, portanto, é uma pessoa que tem predisposição interna e biológica. Nessa concepção, o alcoolista é uma pessoa doente, que não pode ingerir álcool. Ele é compreendido como um doente de diabetes que não pode ingerir determinados alimentos como, por exemplo, o açúcar comum. (p.43)

A teoria da psiquiatria organicista encontra sua fundamentação nos trabalhos, dentre outros, de JELLINEK, VAILLANT, GOODWIN apud MARIANO (1999).

Segundo trabalhos de Jellinek, foi observado que algumas pessoas não conseguiam controlar a quantidade de bebida ingerida, perdendo o controle voluntário. Ele chamou esse quadro de *perda de controle*. Nessa direção Vaillant, após estudar pessoas que não conviveram com alcoolistas, compreendeu que os observados apresentavam uma predisposição genética para o alcoolismo, uma ancestralidade alcoólica. Ele denominou esse quadro de constelação genética. E ainda Goodwin, estudando crianças adotadas logo após o nascimento, observou que filhos de pais biológicos alcoolistas desenvolveram o alcoolismo numa frequência maior que a esperada. Por fim, há a possibilidade de existirem diferenças metabólicas entre alcoolistas e não-alcoolistas, pois aqueles apresentam aumento dos níveis de acetoaldeído no sangue.

Há ainda no campo da genética, pesquisas que confrontam as afirmações de que o alcoolismo seja apenas uma questão biológica, podendo também sofrer influências culturais.

Teoria da psicologia psicodinâmica

A teoria da psicologia psicodinâmica defende a hipótese de que o alcoolista teria defeitos estruturais prévios na personalidade, como: fraqueza do ego, baixa auto-estima, fixação na oralidade, insegurança, passividade e introversão; e que o álcool minimiza tais defeitos, levando a uma harmonia interna, enquanto dura o efeito da bebida. Segundo MARIANO (1998):

Essa teoria provém da Psicologia. A Psicologia parte da visão de que o alcoolista é de personalidade defeituosa previamente reconhecida, que seus conflitos emocionais são responsáveis pela ingestão do álcool e que ele aprendeu a utilizar o álcool para resolver seus problemas. Portanto, o alcoolista seria uma pessoa psicologicamente doente devido a seus conflitos emocionais não resolvidos e por ter uma personalidade propícia ou fértil para utilização do álcool. Essa concepção parte, evidentemente, da idéia de que o alcoolista vê os efeitos euforizantes do álcool como produtores de bem-estar, segurança, coragem. Diante disso, o alcoolista é aquele que aprendeu a recorrer ao álcool sempre que tem de deparar-se com questões conflituosas, crendo que seus efeitos são bons. (p.43)

O alcoolista não se considera como tal, ou eventualmente circunscreve suas dificuldades ao problema do alcoolismo (negação). Em geral, minimiza a quantidade de bebida ingerida (distorção), ou atribui a responsabilidade do hábito aos transtornos que os outros lhe acarretam (projeção) (FORTES, 1991).

Como é próprio da metodologia psicodinâmica, o que estaria por trás do comportamento abusivo ou da dependência alcoólica seriam processos mentais e emocionais que atuariam como respostas inconscientes às influências ambientais (BARROCO, 1994). Outro traço marcante dos alcoolistas e demais tipos de adictos, é a baixa tolerância a frustrações e necessidade de satisfação imediata de seus desejos (FORTES, 1991). Na literatura especializada, encontram-se duas teorias classicamente conhecidas.

a) A teoria da personalidade esteia-se, dentre outros aspectos, na compreensão da personalidade pré-alcoólica e no dinamismo intrapsíquico do alcoolista em interação com a sociedade da qual participa. Para ALONSO-FERNÁNDEZ (1991), as pessoas que se tornam alcoolistas apresentam traços em comum: a vivência da solidão, a desesperança, a imposição do presente anônimo e passivo e, nos demais aspectos da personalidade, eles se mostram radicalmente diversos. Outros aspectos estudados recentemente são as motivações, expectativas e crenças a respeito dos

efeitos do álcool. Há evidências de que essas expectativas são formadas em idade bastante anterior ao atual consumo de álcool, sendo bastante influenciadas pelos hábitos alcoólicos familiares (RAMOS, 1997). Para ALONSO-FERNÁNDEZ (1991), não se pode falar de um tipo de personalidade especificamente pré-alcoólica, mas de uma constelação pré-alcoólica básica. Essa argumentação sugere que o alcoolista tenha personalidade caracterizável, identificável e que ela seja constituída de fatores ambientais da relação entre o alcoolista e seu contexto (BUCHER, 1991).

b) Na teoria da aprendizagem, os indivíduos que se tornaram alcoolistas teriam apreendido a lidar com os seus problemas e com a própria vida através dos efeitos do álcool, que passaria a ser um redutor tensional que reforça o comportamento do uso de bebida alcoólica. Os alcoolistas costumam depender boa parte de seu tempo remoendo questões referentes à perda de controle de ingestão alcoólica. Associam-se a isso sentimentos de culpa em relação às suas tendências de alcoolizar-se ou aos seus impulsos agressivos. Muitas vezes o crítico mais severo do alcoolismo é o próprio alcoolista. Mediante posturas rígidas, perfeccionistas e controladoras, evita questionamentos mais profundos sobre si mesmo, o que seria muito ameaçador para a frágil estruturação de sua personalidade (FORTES, 1991).

A despeito da teoria da psicologia psicodinâmica ter fortes argumentos não escapa às críticas. Segundo MASUR (1991), os estudos não são conclusivos no que se refere a identificar um tipo de personalidade própria do alcoolista e que as características psicológicas comuns observadas entre os alcoolistas seriam resultados do uso do álcool e não a sua causa.

Teoria da Psicologia sociocultural

Os aspectos socioculturais são indissociáveis do fenômeno *alcoolismo*. Existem muitas polêmicas envolvendo esse fenômeno, mas não se pode negar que os fatores socioculturais parecem contribuir na motivação inicial do uso de bebidas alcoólicas. Bebe-se por tradição, costumes, para ser aceito, pois vivemos numa sociedade que estimula o uso do álcool em todos os setores, a ponto do abstinente situar-se fora dos padrões de normalidade. Bebe-se por várias razões, muitas vezes ambíguas como a própria sociedade que estimula o uso do álcool e depois nega ou marginaliza o alcoolista. (SILVEIRA FILHO, 1996). A respeito dessa teoria, MARIANO (1998) considera:

A questão da cultura e da sociedade como contribuidoras para a motivação do uso de bebida alcoólica. De alguma forma, o alcoólatra seria aquele que se desenvolveria como tal, graças às influências sociais e culturais. Por exemplo: "homem que é homem bebe",

"Vou beber para esquecer os problemas", "me dá uma pinga aí para afogar as minhas mágoas". Essas compreensões culturais aliadas aos constantes comerciais de bebidas alcoólicas associadas ao sucesso, bem-estar pessoal e sexo veiculado pela mídia demonstram bem a força do meio, da cultura (p.44).

Para BUCHER (1991), uma concepção sociocultural deve contar, necessariamente, com as condições socioeconômicas e ambientes em que vive o indivíduo, além da pressão psicológica advinda da miséria, das más condições de habitação, da discriminação, da ausência de oportunidades, da industrialização e da urbanização.

Em todos os estudos epidemiológicos, encontramos uma frequência maior de alcoolismo entre os homens. Tem-se formulado a seguinte hipótese do duplo padrão social: a embriaguez é menos aceitável para a mulher, porque fere o estereótipo do comportamento feminino, enquanto, para os homens, pode até ser considerada como prova de masculinidade. (MASUR, 1991).

Algumas concepções de alcoolismo

No estudo sobre o alcoolismo, tem-se registro de concepções que não se configuram na qualidade de teorias. Contudo são elaborações que pretendem identificar e caracterizar o fenômeno do alcoolismo, tais como: 1) modelo fraco (vê o alcoolismo de maneira determinista: *em sendo bêbado, continuará sempre bêbado*); 2) modelo seco (entende o alcoolismo como uma falha moral, um vício); 3) modelo moral molhado (compreende o alcoolismo como um desvio de ingestão) — acredita que pode haver a ingestão da bebida moderadamente—; 4) modelo médico defende e compreende o alcoolismo como uma doença (MARIANO, 1999).

Pode-se dizer que há também o modelo religioso. Ele compreende o alcoolismo como sendo um problema de ordem espiritual. MARIZ (1994), em trabalhos na área sociológica da religião, tem feito pesquisa junto a igrejas pentecostais pobres e tem observado que o alcoolismo é um dos maiores problemas existentes. Ela observa que a concepção doença não prevalece totalmente, mas há também um reflexo de questões morais e espirituais. MARIZ (1994) observa que, para o pentecostal, o alcoolismo está atrelado aos problemas de comportamento instaurados na sociedade e a poderes mágicos e sobrenaturais que seriam a origem de todo o mal. No que se refere especificamente à espiritualidade, a fiel pentecostal não atribui o problema do alcoolismo de seu marido a questões hereditárias, psiquiátricas, psicológicas e sociais. Ela atribui, por sua vez, a forças demoníacas. São elas que dominam e destroem a vida de seu esposo. Nesse sentido, ele não é culpado diretamente, mas sofre as conseqüências dessa força maléfica; somente o

poder de Jesus Cristo para libertá-lo desse mal e dar-lhe uma vida feliz. Segundo MARIZ (1990) esta concepção ajuda descentralizando a culpa que acomete familiares e alcoolista e possibilita respostas que sejam eficazes.

Conclusão

O estudo sobre o alcoolismo continua marcado pela polemicidade, uma vez que não se tem a precisão e a compreensão absoluta das causas e, conseqüentemente, das terapias de combate a esse fenômeno. Contudo, nota-se, na literatura especializada mais recente, a tendência para a aceitação de múltiplas causas a maneira biopsicossocial, tanto na elaboração teórica quanto terapêutica. Quem, de maneira simples, mas precisa, decifra o estado atual da questão é MASUR (1991) ao escrever ainda no início da década de 90:

Não faltam as tentativas de respostas. Existem muitas. Nunca completamente satisfatórias... Às vezes sobrevêm a tentação de ceder à pressão e fornecer soluções simples: o que causa o alcoolismo é A e a cura do alcoolismo deve ser feita através de B. O que ajuda a resistir a esta compreensível tentação é a constatação de que, através de outras argumentações, A e B poderiam ser substituídos por C e D ou mesmo por E ou F. Aliás, por todas as outras letras do alfabeto (p.8).

Contudo, observa-se o surgimento de estudos de casos realizados na área da sociologia da religião que apontam para as questões morais e religiosas nas igrejas pentecostais pobres. A compreensão dualista da realidade deus/diabo e o acolhimento comunitário à família e ao alcoolista têm-se apresentado eficazes no combate ao alcoolismo.

Observam-se, por fim, claramente ainda lacunas referentes às causas e às terapias do alcoolismo. Há, sem dúvida, a necessidade de estudos que possam contribuir para uma melhor apreensão do fenômeno.

Referências

- BARROS, Sergio Gabriel da Silva; GALPERIM, Bruno; GRUBER, Antonio Carlos. Problemas Clínicos comuns do alcoolista. In: RAMOS, Sérgio de Paula; BERTOLOTE, José Manuel. *Alcoolismo hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- BUCHER, Richard. *Drogas e drogadição no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- CHOINACKI, L. Alcoolismo: perdas, danos e omissão. *Folha de São Paulo*. A-3, segunda-feira, 13 de nov. de 2000.
- EDWARDS, Griffith; MARSHALL, E. Jane; COOK, Christopher C.H. *O tratamento do alcoolismo: um guia para o profissional de saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- EDWARDS, Griffith. *A política do álcool e o bem comum*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- FORTES, José Roberto de Albuquerque. *Alcoolismo: diagnóstico e tratamento*. São Paulo: Sarvier, 1991.
- LEITE, José Carlos & GOMES, William B. Concepções do alcoolismo e a reabilitação do alcoolista: um estudo fenomenológico. In: *Mudanças: psicoterapia e estudos psicossociais*. Ano V. nº 08, UMESP, São Bernardo do Campo, 1997.
- MARIANO, R. Almeida. *Alcoolismo e pastoral: uma análise das principais teorias sobre o alcoolismo, implicações para a pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARIANO, Rubem Almeida. O que é alcoolismo. In: ROSSI, Luiz Alexandre S. *O Luzeiro*. São Paulo: Pendão Real, 1998.
- MARIZ, C. L. Libertação e Ética: uma análise do discurso de pentecostais que se recuperam do alcoolismo. In: *Nem Anjos nem Demônios*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MASUR, J. *O que é alcoolismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- NÓBREGA, Antonio A. Neves. Alcoolismo In: SILVEIRA FILHO; DARTIER, Xavier da; GORGULHO, Mônica. (org.). *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- RAMOS, Sérgio de Paula; BERTOLOTE, José Manuel. *Alcoolismo hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- SILVEIRA FILHO; DARTIER, Xavier da; GORGULHO, Mônica. (org.). *Dependência: compreensão e assistência às toxicomanias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- SOARES, Lucila. O porre é grotesco. *Veja*. Ano 32, nº 33 18 de agosto de 1999, pp.11-13.
- VESPUCCI, Emanuel F. & VESPUCCI, Ricardo. *O revólver que sempre dispara*. São Paulo: Casa Amarela, 1999.